

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

O POEMA QUE ATRAVESSA: UMA ANÁLISE DE “ESPINHOS”, DE CÉCILE COULON

Marina Gonçalves Fraga

Rio de Janeiro

2023

MARINA GONÇALVES FRAGA

O POEMA QUE ATRAVESSA: UMA ANÁLISE DE “ESPINHOS”, DE CÉCILE COULON

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português/Francês.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marília Santanna Villar

Rio de Janeiro

2023

**FOLHA DE AVALIAÇÃO**

**MARINA GONÇALVES FRAGA**  
**DRE: 117059647**

**O POEMA QUE ATRAVESSA: UMA ANÁLISE DE “ESPINHOS”, DE CÉCILE  
COULON**

Monografia submetida à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como  
requisito parcial para obtenção do título de  
Licenciado em Letras na habilitação  
Português/Francês.

**Data de avaliação:** \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**Banca examinadora:**

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marília Santanna Villar – Presidente da Banca Examinadora  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

**NOTA:** \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Tânia Reis Cunha  
Universidade Federal do Rio de Janeiro

**NOTA:** \_\_\_\_\_

**MÉDIA:** \_\_\_\_\_

**Assinaturas dos avaliadores:** \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

## FICHA CATALOGRÁFICA

### CIP - Catalogação na Publicação

G811p      Gonçalves Fraga, Marina  
              O POEMA QUE ATRAVESSA: UMA ANÁLISE DE "ESPINHOS",  
              DE CÉCILE COULON / Marina Gonçalves Fraga. -- Rio de  
              Janeiro, 2023.  
              36 f.

              Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marília Santanna Villar.  
              Trabalho de conclusão de curso (graduação) -  
              Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
              de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
              Francês, 2023.

              1. Cécile Coulon. 2. Poesia Narrativa. 3. Poesia  
              Francesa Contemporânea. 4. Espinhos. I. Santanna  
              Villar, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marília, orient. II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Jorge Fernandes Fraga e Míria Gonçalves Fraga, que, dentro de suas realidades sempre contribuíram para que eu pudesse alcançar meu objetivo de concluir uma graduação na universidade pública.

À minha avó, Maria dos Anjos Gonçalves Diniz, a quem eu gostaria de poder agradecer pessoalmente. Sei que você estaria orgulhosa de mim.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Marília Santanna Villar, por ter me proporcionado minha primeira experiência enquanto bolsista de iniciação científica, e por todo o aprendizado, apoio e paciência ao longo da graduação, em especial durante meu período como monitora de língua francesa no projeto CLAC UFRJ.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Silvia Regina de Oliveira Cavalcante, pela acolhida em um momento delicado e por ter me incentivado a concluir a graduação.

À minha amiga Ludmilla Andrade, por todas as conversas repletas de risadas pelos corredores da Faculdade de Letras. Foi um prazer celebrar nossos (peculiares) gostos musicais, literários e cinematográficos juntas.

À Natália Seixas, que eu conheci no final da minha jornada na Faculdade de Letras, em um daqueles encontros aleatórios que só a vida pode proporcionar, mas sinto como se conhecesse há uma vida. Obrigada por ser fonte de inspiração, afeto e apoio emocional durante meu último semestre. Que nunca me falte a sua presença, acompanhada de um bom café.

## RESUMO

Este trabalho propõe uma análise da poesia narrativa praticada pela autora francesa Cécile Coulon a partir de textos selecionados de sua primeira coletânea de poemas, intitulada *Espinhos (Les Ronces)*. Para isso, nossa análise será dividida em três partes. Inicialmente, será feita uma breve apresentação da poesia francesa contemporânea, bem como da autora e de sua obra, em que pretendemos contextualizá-la dentro da noção de pós-poesia e evidenciar algumas de suas principais características enquanto escritora. Em seguida, será proposto um estudo de alguns pontos chave dessa poesia narrativa própria da autora. Por fim, faremos uma pequena apresentação acerca do significado da figura dos espinhos, estabelecendo, com isso, uma relação de significado dentro do universo proposto pela autora em sua obra.

**Palavras-chave: Cécile Coulon; Poesia Narrativa; Poesia Francesa Contemporânea; Espinhos**

## RÉSUMÉ

Ce travail propose une analyse de la poésie narrative pratiquée par l'auteure française Cécile Coulon à partir de textes choisis dans son premier recueil de poèmes, intitulé *Les Ronces*. Pour autant, notre analyse sera divisée en trois parties. D'abord, on fera une courte présentation de la poésie française contemporaine, ainsi que de l'auteure et de son œuvre, dans le but de la contextualiser dans la notion de post-poésie et mettre en évidence certaines de ses principales caractéristiques en tant qu'écrivain. Ensuite on proposera une étude de quelques points clés de la poésie narrative de cette auteure. Finalement, on fera une petite présentation sur la signification de la figure des ronces, établissant ainsi une relation de sens au sein de l'univers proposé par l'auteure dans son œuvre.

**Mots-clés: Cécile Coulon; Poésie Narrative; Poésie Française Contemporaine; Ronces**

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 CÉCILE COULON E A POESIA FRANCESA CONTEMPORÂNEA.....</b>	<b>10</b>
2.1 A POESIA FRANCESA CONTEMPORÂNEA.....	10
2.2 SOBRE A AUTORA E SUA OBRA.....	12
<b>3 LES RONCES.....</b>	<b>15</b>
3.1 O COTIDIANO.....	17
3.2 OS LEITMOTIFS.....	21
3.3 OS ESPINHOS.....	26
<b>4 CONCLUSÃO.....</b>	<b>32</b>
<b>5 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Em 2016, Cécile Coulon, já uma romancista consagrada no cenário literário francês, contando seis livros publicados até então, lança *Les Ronces*, sua primeira obra de poesia, uma aventura literária iniciada na rede social Facebook, onde inicialmente publicava seus textos. Com seu belo lirismo narrativo, repleto de lágrimas e natureza, a autora rapidamente conquistou os amantes da poesia na França, recebendo ainda dois relevantes prêmios literários: o *Apollinaire* e o de revelação em poesia da *Société de Gens de Lettres (SGDL)*. Segundo a própria autora, ela pratica uma “poesia narrativa, com começo, meio e fim”.

Em 2022, ano anterior ao da redação deste trabalho, tal antologia é publicada no Brasil em formato de edição bilíngue, no âmbito do Programa Nacional de Apoio à Publicação ano 2022 Carlos Drummond de Andrade, fomentado pela Embaixada da França no Brasil com apoio do Ministério Francês da Europa e das Relações Exteriores, e traduzida pelo poeta e professor da UFRGS, Diego Grando, sob o título de *Espinhas*. Tal fato nos é relevante, pois sinaliza não só um aumento da projeção internacional da obra da autora, uma jovem mulher representante da nova geração de poetas contemporâneos franceses, como também torna esse material acessível para uma maior parcela do público leitor brasileiro, apreciador ou não de poesia, ampliando a discussão acerca da relevância desse gênero literário e de sua aceitação no contexto sociocultural que se apresenta para nós atualmente.

A ideia de escolher como tema desta monografia a obra destacada surge da necessidade latente de refletir sobre questões relevantes presentes na obra, tanto no âmbito dos estudos literários, a exemplo da discussão acerca dos limites entre a poesia e a prosa, quanto no das ciências humanas, pensando em nossa reação frente às pressões contemporâneas e como isso afeta nossa relação com o espaço que ocupamos e com outras subjetividades que não as nossas. Trata-se, também, de expor o trabalho de uma jovem autora ainda não comentada no meio acadêmico brasileiro, potencializando o surgimento de discussões futuras acerca do papel desempenhado pelas mulheres na produção e divulgação da poesia francesa contemporânea, onde frequentemente aparecem como protagonistas.

Este trabalho objetiva, portanto, propor uma análise da poesia narrativa praticada pela autora a partir de textos selecionados de sua primeira coletânea de poemas. Para isso, pretendemos na primeira sessão propor uma contextualização acerca de tendência surgida a partir do fim do século passado no cenário da poesia francesa contemporânea, bem como uma breve introdução sobre o trabalho da autora e sua obra e como a mesma se encaixa dentro da noção de pós-poesia, ao rejeitar certos preceitos estabelecidos pela tradição literária. Em seguida, comentaremos a respeito de alguns pontos chave dessa poesia narrativa, como a

beleza capturada nos gestos do cotidiano, a presença de palavras, temas e imagens que funcionam como uma espécie de fios condutores invisíveis que entremeiam essa prosa poética e, finalmente, a figura dos espinhos e seu significado dentro do universo proposto pela autora em sua obra.

Deve constar, também, que traduzimos as citações em língua estrangeira, com exceção, neste caso, dos textos literários, que permanecem em sua língua original para efeitos de análise e melhor apreensão de seu significado. Consta, ainda, que todas as traduções feitas pela autora deste trabalho encontram-se acompanhadas pela sinalização “tradução nossa”.

## 2 CÉCILE COULON E A POESIA FRANCESA CONTEMPORÂNEA

### 2.1 A POESIA FRANCESA CONTEMPORÂNEA

Por volta dos anos 1990, a partir da relação com a década anterior, tida como conservadora tanto no campo da política quanto no campo das artes, começa a se formar, no contexto da poesia francesa contemporânea, uma nova tendência conhecida como pós-poesia. Dando continuidade às aspirações das vanguardas e neovanguardas que percorreram a França ao longo do século passado, autores como Jean-Marie Gleize e Christophe Hanna, dentre outros nomes, rejeitam a tentativa de resgatar o lirismo típico da “bela Poesia” ou “poesia pura”.

Dessa “*lapoesie*”, que, segundo Gleize, vai se contaminando, “prosaizando” e vulgarizando, nasce uma poesia “sem qualidades” ou *poesia poor*, que procura saídas desse carrossel da poesia pura, com seu mecanismo deveras formalizado, musicado e “ensaiado”, seguindo o ritmo alucinante das ruas, vagabundeando, varrendo-as à procura de algo que possa ser reaproveitado, ressignificado, conforme descreve Lemos:

Os artistas e poetas sem qualidades respondem afirmativamente à falta, à pobreza de seu tempo. (...) Cavam algum limiar de sentido, alguma experiência ainda possível entre ruínas das formas artísticas e poéticas, reativando-as a partir de rearranjos, reciclagens, valências, jacubas e gambiarras,<sup>42</sup> operações de desmontagem, entre outras possibilidades. Percebem que o fazer poético sem predefinições é uma oportunidade de criar novas formas de poesia e de vida, interrogativas também em relação à ostentação da linguagem midiática, essa grande luz ininterrupta. (...) Como os cães dos poemas em prosa de Charles Baudelaire, como Walter Benjamin das Passagens, recolhem os restos de linguagem e das imagens dos ecrãs que se espalham pelas ravinas sinuosas das grandes cidades. (LE MOS, 2017, p.144)

Em seu ensaio “*Experiência e pobreza*”, Walter Benjamin prescreve que, ao professar essa pobreza de experiência, essa miséria contemporânea, esses autores respondem de forma ativa à mesma através da possibilidade de ultrapassá-la, de construir novas perspectivas para o presente a partir da consciência de sua fragilidade. Estabelece-se, então, uma reflexão crítica acerca das possibilidades, do “oco” deixado em meio às coisas e à fala.

Nascida no começo da década de noventa, Cécile Coulon acompanha o surgimento e o amadurecimento da noção de pós-poesia, incorporando-a em sua obra poética ao propor uma poesia em prosa, que dispensa a métrica regular, rimas ou o foco em imagens subjetivas,

com uma estrutura semelhante às narrativas que, segundo a própria autora, tanto lhe agradam enquanto leitora voraz.

Sobre a poesia contemporânea, declara:

Ce qui définit la poésie contemporaine, c'est que quand on est face à elle, que ce soit dans une salle de spectacle, dans une librairie, ou sur internet, on se dit: " Je suis en train d'écouter ou de lire ou de découvrir quelque chose qui me touche d'une manière si forte que c'est forcément de la poésie. Je pense que la misère, le désir, la sensation de ne pas faire partie de ce monde ont déjà été mille fois abordés à tous les siècles. En revanche, ce qui change aujourd'hui, c'est la manière de décrire ça et d'y aller avec une rapidité et avec une vivacité d'esprit, d'écriture, comme s'il n'y avait plus rien à perdre derrière. Comme s'il fallait le faire vite et maintenant parce qu'on ne sait pas ce qui va se passer demain et après-demain<sup>1</sup> (COULON, 2022)

Cofundadora da coleção "*L'Iconopop*" que põe sob os holofotes nomes como Akhenaton, Clémentine Beauvais e Baptiste Beaulieu, autores que, como ela, fazem parte da nova geração de poetas contemporâneos franceses, distanciados da poesia clássica, com estilos dos mais variados, mas que mantêm em comum o anseio de "*aller vite là où ça fait mal*", Coulon é uma grande adepta das redes sociais como suporte de divulgação da poesia para um novo tipo de público, atendendo às demandas atuais:

À travers les réseaux sociaux, il y a la possibilité de publier rapidement, directement, sans passer par des éditeurs, sans passer par des attachés de presse, sans passer par des relecteurs. Et il y a aussi l'image. Quand on va sur Instagram, on met une photo, on met un panneau. On attire d'abord le regard avant d'attirer la pensée. Et ça c'est fondamental dans la manière qu'on a aujourd'hui de démocratiser la lecture de la poésie. C'est qu'on dit: "On ne va pas d'abord passer par le livre, qu'il faut aller chercher, qu'il faut ouvrir, dans lequel il faut plonger, on va commencer par taper dans l'œil, littéralement.<sup>2</sup> (COULON, 2022)

A autora acrescenta ainda, que, assim como Hugo, Verlaine, Ronsard, du Bellay, dentre outros, são testemunhas de uma época, de uma forma de pensar o corpo, o amor, ou a sociedade, esse é também o papel dos poetas de hoje:

---

<sup>1</sup> O que define a poesia contemporânea é que quando nos deparamos com ela, seja numa sala de espetáculos, numa livraria ou na internet, dizemos a nós mesmos: "Estou ouvindo ou lendo ou descobrindo algo que me toca de maneira tão forte que tem que ser poesia. Acho que a miséria, o desejo, a sensação de não fazer parte deste mundo já foram discutidos mil vezes ao longo dos séculos. Entretanto, o que muda hoje é a forma de descrever isso e de fazer isso com rapidez e vivacidade de espírito, de escritura, como se não houvesse mais nada a perder lá atrás. Como se tivéssemos que fazer isso rápido e agora porque não sabemos o que vai acontecer amanhã e depois de amanhã. (COULON, 2022, tradução nossa)

<sup>2</sup> Através das redes sociais, existe a possibilidade de publicar de forma rápida, direta, sem passar por editores, sem passar por assessorias de imprensa, sem passar por revisores. E há também a imagem. Quando entramos no Instagram, postamos uma foto, postamos um painel. Atraímos primeiro o olhar antes de atrair o pensamento. E isso é fundamental na forma que temos hoje de democratizar a leitura de poesia. Dizemos: "Não vamos primeiro percorrer o livro, que devemos ir buscar, que é preciso ser aberto, no qual devemos mergulhar, começaremos por chamar a atenção, literalmente. (COULON, 2022, tradução nossa)

La poésie contemporaine vient aussi témoigner du moment que nous sommes en train de vivre, des moments que sont en train de vivre des jeunes femmes dans tous les pays du monde, des exilés, des jeunes hommes, des questions qui habitent les gens qui sont en transformation intellectuelle, physique, politique, et c'est ça qui est intéressant dans la poésie contemporaine. C'est que quand on lit le texte incroyable d'Amanda Gorman, qui vient juste de paraître et être traduit en France par la rappeuse Lous and The Yakuza, on comprend une Amérique actuelle par une jeune femme qui doit avoir 22 ou 23 ans. Et cette Amérique-là, on ne l'aurait peut-être comprise en lisant Victor Hugo.<sup>3</sup> (COULON, 2022)

É a partir dessa poesia impura, “suja” do ponto de vista tradicional, que a jovem de Auvergne exprime suas “fantasias”, ou emoções que a mesma descreve como não sendo necessariamente suas, mas adquiridas e retransmitidas através de uma sensibilidade ou hiper sensibilidade que somente um escritor possui, tornando-se, então, fantasias de seus leitores.

## 2.2 SOBRE A AUTORA E SUA OBRA

Cécile Coulon nasceu em Clermont-Ferrand, Auvergne, na França, em 13 de junho de 1990. Interessou-se pela escrita e pela poesia aos 12 anos, e, aos 16, inspirada pela obra *A Educação Sentimental*, de Gustave Flaubert, publicou seu primeiro romance, intitulado *Le Voleur de vie* (ed. Revoir). Opta por um baccalauréat<sup>4</sup> em Cinema e, após um hypokhâgne<sup>5</sup> e um khâgne<sup>6</sup> no liceu Blaise-Pascal em Clermont-Ferrand, faz seus estudos em Letras, área onde posteriormente obtém seu doutorado com uma tese sobre a relação entre literatura e esporte.

Em 2010, com seu romance *Méfiez-vous des enfants sages* (ed. Viviane Hamy), ambientado em uma América do Norte imaginária, desperta o interesse da crítica e é selecionada para múltiplos prêmios, como o *Prix France Culture/ Télérama* e o *Prix*

---

<sup>3</sup> A poesia contemporânea vem também testemunhar o momento que estamos vivendo, os momentos que vivem as jovens mulheres em todos os países do mundo, os exilados, os jovens rapazes, as questões que habitam as pessoas que estão em transformação intelectual, física, política, e isso é o que há de interessante na poesia contemporânea. Quando lemos o incrível texto de Amanda Gorman, que acaba de ser publicado e traduzido na França pela rapper Lous e The Yakuza, entendemos uma América atual através de uma jovem que deve ter 22 ou 23 anos. E talvez não pudéssemos compreender esta América lendo Victor Hugo. (COULON, 2022, tradução nossa)

<sup>4</sup> Baccalauréat, ou “le bac” em linguagem coloquial é uma qualificação acadêmica obtida por franceses e estudantes internacionais na França ao final do liceu (ensino secundário), a fim de ingressar no ensino superior. Atualmente, pode ser prestado em 3 áreas específicas: Scientifique (Exatas e Saúde), Sciences économiques et sociales (Humanas) e Littéraire (Literatura).

<sup>5</sup> Primeiro ano de classes preparatórias literárias na França.

<sup>6</sup> Segundo ano de classes preparatórias literárias na França.

*Landerneau*. Nos anos seguintes, tem uma ascensão fulgurante no cenário literário francês, publicando diversas obras, dentre as quais se destacam os romances *Le roi n'a pas sommeil* (ed. Viviane Hamy), de 2012, um dos primeiros vencedores do *Prix Mauvais genres*, criado no mesmo ano pela *France Culture* em parceria com a revista *Le Nouvel Observateur*, *Trois Saisons d'orage* (ed. Viviane Hamy), de 2017, que obtém o *Prix des Libraires*, e *Une bête au paradis* (ed. L'Iconoclaste), de 2019, pelo qual recebe o prêmio literário do jornal *Le Monde*. Publicou também um livro de histórias infantis e uma curta peça de teatro intitulada *On se remet de tout*, espetáculo solo interpretado pela atriz Bénédicte Choynet, além de adaptar o poema épico de Homero, *Iliada*, para o enredo do vídeo game Diorama, em parceria com o studio *Small Bang*.

Em poesia, além de *Espinhos (Les Ronces)*, de 2018, vencedor do *Prix Guillaume-Apollinaire*, publicou também *Noir Vulcan* (2020) e *En l'absence du capitaine* (2022), ambos pela editora Le Castor Astral.

Considerada uma jovem prodígio do romance francês, Coulon não reivindica completamente o título de escritora, conforme explica em entrevista concedida a Joseph Vebret, escritor e diretor editorial da revista *Salon Littéraire*:

Il y a beaucoup de gens qui écrivent des livres, et je trouve qu'ils sont devenus tellement inhumains que cela me fait peur. J'ai peur de devenir parano, renfermée, de frimer... C'est finalement une perte de temps. Comment un acte aussi beau que l'écriture peut-il amener à des sentiments aussi misérables ? Je n'ai pas envie de ça, et c'est pourquoi je n'assume pas le fait d'écrire.<sup>7</sup> (COULON, 2012)

Em seguida, quando confrontada com o paradoxo entre essa afirmação e o fato de, na dada ocasião, possuir já quatro livros publicados aos 21 anos, a autora vai além, questionando a visão acerca do poeta e de seu papel na sociedade francesa:

Être écrivain n'a rien à voir avec le fait d'écrire des livres. Aujourd'hui, être écrivain, c'est devenu une figure, un fantôme. Quelqu'un qui écrit des livres peut très bien regarder Koh-Lanta à la télévision, avaler des Kinder, et faire de la course à pied quand il a fini sa page. Mais en France, cela paraît impossible. Je rejette la vision qu'on a des écrivains.<sup>8</sup> (COULON, 2012)

---

<sup>7</sup> Há muitas pessoas que escrevem livros, e acho que elas se tornaram tão desumanas que isso me assusta. Tenho medo de me tornar paranóica, retraída, de me exibir... Em última análise, é uma perda de tempo. Como pode um ato tão belo como escrever levar a sentimentos tão miseráveis? Não quero isso e é por isso que não assumo a responsabilidade de escrever. (COULON, 2012, tradução nossa)

<sup>8</sup> Ser escritor não tem nada a ver com escrever livros. Hoje, ser escritor tornou-se uma figura, uma fantasia. Alguém que escreve livros pode muito bem assistir Koh-Lanta na televisão, engolir Kinder e sair para correr quando terminar a página. Mas, na França, isto parece impossível. Rejeito a visão que temos dos escritores. (COULON, 2012, tradução nossa)

Essa percepção se traduz em seu estilo de vida. Adepta de caminhadas e corridas a pé e, ao mesmo tempo, usuária assídua de diversas mídias sociais (onde frequentemente compartilha sua prosa), a jovem escritora almeja, conforme assinala Florian Bardou no jornal *Libération*, “faire vivre l’idée, chevillée au corps, que l’on n’a pas forcément besoin de monter à la capitale pour tracer son sillon” (Bardou, 2022).

Seu estilo de escrita breve e incisivo permite depreender um retrato do microcosmo humano, captando desde emoções triviais às mais sombrias e complexas. Essa imensidão de sentimentos que passam pela brevidade da língua é algo que encontramos também em certos poetas franceses e romancistas norte-americanos que ela referencia como inspiração, sobretudo John Steinbeck. Seu pronunciado gosto por literatura passa ainda por Luc Dietrich, Nathalie Sarraute, Marie-Hélène Lafon, Tennessee Williams, Prévert, Flaubert e Proust, dentre outros.

Coulon é também uma aficionada pela sétima arte, sua maior paixão para além da literatura, ainda que apenas um hobby (dado seu custo e sua dificuldade, segundo a própria), sendo o diretor, poeta e autor italiano Pier Paolo Pasolini uma de suas maiores influências cinematográficas, juntamente com Bruno Dumont, Duncan Tucker e John Waters, segundo dados de sua biografia colhidos pela editora *Viviane Hamy*.

Ainda com pouca projeção fora de seu país natal, a autora possui, até o momento da elaboração do presente trabalho, somente uma antologia traduzida e publicada no Brasil no âmbito do Programa Nacional de Apoio à Publicação ano 2022 Carlos Drummond de Andrade, fomentado pela Embaixada da França no Brasil com apoio do Ministério Francês da Europa e das Relações Exteriores. Trata-se de uma edição bilíngue de sua primeira obra de poesia, *Les Ronces*, traduzida pelo poeta e professor da UFRGS, Diego Grando, sob o título de *Espinhos*.

### 3 LES RONCES

Neste trabalho, propomos a apresentação da poesia de Cécile Coulon a partir da leitura e análise de textos selecionados de sua primeira antologia de poemas, *Les Ronces* (2018), que reúne um total de 58 poemas em prosa inicialmente publicados no Facebook ao longo dos anos, conforme relata a própria autora:

Les ronces? Ce recueil est en réalité la fin d'un processus de dix ans d'écriture en gros. Je croyais qu'en France, la poésie comme celle que je pratique, narrative, sans rimes, n'intéressait personne. Alors j'ai fait un test. Je me suis mise sur Facebook pour mettre des poèmes en ligne. En fait, je me suis servie des réseaux sociaux comme d'un laboratoire parce que lire de la poésie c'est particulier, ça oblige les gens à prendre le temps, le contraire du zapping et de la consommation rapide. Et là, surprise. Ça a fonctionné, une communauté de lecteurs a vu le jour, a grandi autour de ces poèmes, ce qui a infirmé ce que je pensais de l'indifférence généralisée à l'égard de la poésie.<sup>9</sup> (COULON 2022)

Através de um contato que partilhava da mesma paixão pela poesia, a jovem escritora estabelece conexão com um editor parisiense, por intermédio do qual surge a publicação em formato de livro físico, lançado oficialmente em 2018, pela editora Le Castor Astral.

Coulon, que reivindica um gosto nada moderado pela poesia de Charles Bukowski ou ainda Charles Reznikoff e que, em seus romances, tende a abordar temáticas universais, dedica-se, nessa primeira coletânea de poemas, a tratar de questões do íntimo, de natureza autobiográfica:

Ce recueil est comme un journal d'écriture. Chaque poème est un conte, une micro-nouvelle, une petite histoire car c'est ce que je préfère faire, raconter des histoires. Le principe d'un poème c'est que tu te retrouves dans ce que quelqu'un va te raconter en l'espace de trente secondes, soit tu rentres tout de suite dedans, soit tu laisses tomber. Soit ça te percute, soit ça te contourne mais pas les deux. Un poème, quand tu es lecteur ou lectrice, te met face à

---

<sup>9</sup> Espinhos? Esta coletânea é, na verdade, o fim de um processo de escrita de dez anos, basicamente. Eu achava que na França a poesia como a que pratico, narrativa, sem rimas, não interessava a ninguém. Então eu fiz um teste. Entrei no Facebook para postar poemas online. Na verdade, usei as redes sociais como laboratório porque ler poesia é especial, isso obriga as pessoas a perderem tempo, o oposto do zapping e do consumo rápido. E aí, surpresa. Funcionou, uma comunidade de leitores viu a luz do dia, cresceu em torno destes poemas, o que invalidou o que eu pensava sobre a indiferença generalizada em relação à poesia. (COULON, 2022, tradução nossa)



quelque chose que tu vis mais que tu n'étais pas capable de nommer.<sup>10</sup>  
(COULON, 2018)

Toda história autobiográfica é, então, (re)escrita ao contrário, como preconizam os versos de *La Hongrie encore une fois*:

ce poème n'est pas pour toi  
ce poème c'est toi  
des morceaux que je ne veux pas jeter  
une version alternative du passé (COULON, 2022, p. 165)

Por conseguinte, esses poemas narrativos se assemelham mais a pequenos seixos semeados ao longo da estrada de ferro que, ao longo da coletânea sempre parece levar o eu-lírico para longe da morada de sua família, e, por uma relação metonímica, de sua infância, do que à peças de um quebra-cabeça que permitiria ao leitor reconstruir um autorretrato desse mesmo eu-lírico como adepto de caminhadas e corridas de longa distância, por exemplo.

*Les Ronces* é uma espécie de narrativa iniciática, um testemunho das lições dolorosas experimentadas através da perda da vivenda familiar e da mulher amada, da traição e da solidão. Os poemas são atravessados por uma série de flashes, intensos como os raios da tempestade que a autora frequentemente evoca.

Para efeitos de análise, exploraremos alguns pontos-chave dessa poesia narrativa: primeiramente, trataremos dos lampejos de beleza capturados pela autora nos gestos cotidianos, onde o homem comum (na forma de figuras anônimas frequentemente evocadas ao longo do livro) já não sente nenhuma emoção. Posteriormente, apresentaremos alguns temas que ressurgem entre um poema e outro, tecendo uma espécie de fio condutor invisível que entremeia a prosa poética. Finalmente, a partir da figura dos espinhos, que conferem o título à coletânea, proporemos uma análise de como essa poesia se constitui, segundo a própria autora, como uma forma de “atravessar” o leitor com imagens próprias de experiências autobiográficas, ao mesmo tempo em que o convida a preencher lacunas com suas vivências pessoais.

---

<sup>10</sup> Esta coletânea é como um diário de escrita. Cada poema é um conto, uma micronovela, uma pequena história porque é isso que prefiro fazer, contar histórias. O princípio de um poema é que você se encontra no que alguém vai lhe dizer no espaço de trinta segundos, quer você comece imediatamente ou deixe passar. Ou ele te atinge ou desvia de você, mas não ambos. Um poema, quando você é leitor, coloca você frente a frente com algo que você vivencia, mas que não conseguiu nomear. (COULON, 2018, tradução nossa)

### 3.1 O COTIDIANO

Em *J'aimerais vous offrir des frites*, poema que encabeça a coletânea, temos uma abertura situada no escuro em um mundo de solidão. Desde cedo, a autora ancora sua arte poética no cotidiano mais banal: é noite, a fome a levou a sair, na chuva, para comprar uma porção de batatas fritas de um vendedor de kebab:

Ça a commencé à cette heure si particulière du soir  
 où la fin d'un jour bouscule le début d'un autre;  
 je suis sortie sous la pluie, j'avais faim.  
 L'orage déversait sa grêle chaude sur les volets battants,  
 personne ne marchait dans les rues  
 qui suintaient jusque sur la place en contrebas,  
 où la fontaine débordait.  
 D'habitude des chiens osseux se baignent dedans,  
 mais là, pas d'aboiements, pas de sifflets.  
 La nuit, la pluie, la chaleur.  
 J'ai traversé, un type m'a fait signe de l'autre côté:  
 les deux doigts sur la bouche entrouverte pour me demander  
 si j'avais quelque chose à fumer, j'ai lancé une main ouverte  
 battante, comme les volets, pour lui signifier que non,  
 et j'ai continué, le visage enfoncé dans un pull trop long,  
 les cheveux pleins de cette odeur d'une journée  
 qui n'en finit pas.  
 Devant l'enseigne, une jeune fille en jupe rose et un type,  
 avec une coupe de cheveux qui rappelait des meilleurs moments  
 d'Agnès Varda, attendaient leur tour pour commander  
 un kebab  
 avec supplément fromage.  
 La fille regardait l'écran plat fixé  
 au mur qui diffuse des clips de pop américaine,  
 le gars a attrapé une bouteille de soda derrière lui,  
 en se retournant, avec souplesse.  
 Quand ils ont payé, le patron m'a lancé  
 <pardon pour l'attente>  
 alors que je venais d'arriver et ça m'a fait sourire;  
 <une barquette de frites, avec du ketchup,  
 ça marche,  
 vous pouvez attendre  
 à l'intérieur>  
 alors j'ai attendu, debout, contre le réfrigérateur,  
 devant les bacs de salades vides. (COULON, 2022, p.142)

A abordagem poética do centro urbano, admitindo imagens contemporâneas buscadas quase que em sua totalidade dentro da nova configuração social que se lança à sua época se inicia com Charles Baudelaire, creditado por grande parte dos críticos de literatura como o pai da poesia moderna, visto que concilia, pela primeira vez na história da literatura dois pontos de vida até então antagônicos: o elemento contemporâneo e o intemporal, mediante o uso

alegórico das imagens urbanas, conforme preconiza Michael Hamburger (1991). Concedendo a esse espaço físico e também imaginário até então negligenciado ou solenemente ignorado pela tradição poética, Baudelaire elege a cidade grande como seu objeto poético, ligando-a ao tema da efemeridade e praticando uma poesia de caráter inovador, na qual o sujeito poético se apresenta não como um mero expectador mas integrado a essa configuração espacial urbana, dando início à uma nova estética literária na qual, segundo Habermas (1990), “a experiência estética fundia-se com a experiência histórica da modernidade.” Nota-se a influência da estética baudelaireana no poema em questão, onde o eu-lírico- como ocorre com frequência ao longo da coletânea- se confunde com a própria autora, que interage ativamente com o centro urbano em que habita, fornecendo ao leitor suas impressões acerca das imagens subjetivas que povoam esse meio.

É interessante pensar a presença animal no poema, expressa na figura dos cães ossudos que costumam banhar-se na fonte, cuja ausência naquela noite de chuva é verificada pelo eu lírico. Nota-se a recuperação da figura do cachorro como um elemento integrante da paisagem em *Mercredi matin*:

Nous sommes descendues sans rien dire  
jusque devant le café: un chien attendait  
sur la terrasse, j’ai pensé qu’il faisait autant partie de la paysage  
qu’une éponge sur le bord  
d’un évier. (COULON, 2018, p. 95)

No ensaio “*Os cães se aproximam, e se afastam*”, Gleize reitera a inspiração nos versos *J’ai jeté le vers noble aux chiens noirs de la prose*”, de Victor Hugo, para o título de seu livro “*Les chiens noirs de la prose*”, além de analisar a complexidade das figuras animais presentes no cânone de Baudelaire:

Certamente se tratava, para Victor Hugo, de reformular, colocando-a à distância, a acusação de ter arruinado a poesia, de tê-la dado aos cães devoradores e selvagens da prosa. De fato, a acusação se justificava em parte. Victor Hugo, que com certeza nunca abandonou o verso, que era mesmo o verso em pessoa, de fato contribuiu para a prosaização do alexandrino, para seu deslocamento decisivo, para seu desaparecimento na goela do cão. Os cães negros da prosa são, para mim, os primos dos bons e pobres cães de Baudelaire [...]. Eles testemunham uma saída formal para fora do molde e do carrossel. Do esforço da poesia contra si mesma. (GLEIZE, 2021, n.p)

“Os pobres cães de Baudelaire” aos quais o autor se refere são aqueles presentes no penúltimo poema de “*Le Spleen de Paris*”, no qual o autor não só rejeita, como também condena veemente a “poesia pura”, com seu mecanismo deveras formalizado, musicado e ensaiado, que julga incapaz de representar a vida na forma em que esta se revela para o poeta nas grandes cidades:

Para trás, a musa acadêmica! Não me interessa esta velha melindrosa. Invoco a musa familiar, urbana, viva, para que ela me ajude a cantar os bons cães, os pobres cães, os cães enlameados, aqueles que todos evitam como pestíferos e piolhentos, exceto o pobre, de quem são os sócios, e o poeta, que os olha com olhar fraternal. (BAUDELAIRE, 2007, p. 241)

O cão seria, então, uma analogia para a poesia “prosaizada”, despida de artificios como a rima, a métrica e a versificação para enfim revelar-se em sua forma nua e crua, graças ao contato do poeta com a massa urbana em um ambiente desprovido de harmonia, característico da modernidade. Cabe ao poeta percorrer as veredas labirínticas das grandes cidades recolhendo essas imagens e restos de linguagem espalhados por esses ecrãs improváveis, atribuindo-lhes novo significado através de múltiplas operações de montagem e desmontagem.

A trivialidade é, seguindo essa lógica, um constituinte da escrita em prosa de Coulon, uma poesia narrativa feita de colagens onde cultura pop e literatura se misturam, reciclando imagens banais assim como se reciclam garrafas de plástico para produzir uma obra de arte. Imagens oriundas de nossa vida cotidiana são, assim, reaproveitadas para melhor exprimir sua beleza, não sem um toque de humor, conforme observado em “*Une lionne rouillée*” e “*Une chanson particulière*”, respectivamente:

le temps n'est pas un mouchoir sale  
je ne veux pas le jeter (COULON, 2022, p. 166)

j'apprendrai à te noyer  
dans des verres d'alcools doux  
à t'étouffer dans des serviettes de plage  
accrochées sur le balcon (COULON, 2022, p.152)

Retomemos então “*J'aimerais vous offrir des frites*”, onde a beleza presente nos gestos do cotidiano se apresenta na forma de uma figura anônima, um integrante da massa urbana, que se oferece para pagar por uma porção de fritas porque reconhece a escritora:

C'est là qu'un homme, trempé jusqu'aux os, est arrivé.  
Je me suis poussée pour le laisser passer:  
ses vêtements dégageaient un parfum de ciment  
et d'alcool bon marché, ses cheveux ras, gris,  
retenaient l'eau  
comme la surface des champs à quatre heures du matin.  
Il a commandé.  
Au moment où j'allais payer mes frites, il m'a fixée,  
avec des yeux plus ronds  
que des becs de flamands roses,  
la bouche molles des hommes fatigués qui boivent  
en peu trop et qui assument,

il m'a regardée longtemps,  
 et bégayé:  
 -Je ne sais pas quoi vous dire.  
 Au début j'ai cru qu'il se fichait de moi, mais quand même, ses yeux, ses yeux!  
 -Comment ça?  
 Il a inspiré un grand coup, comme si chaque mot lui arrachait la moitié d'un poumon:  
 -Je ne sais pas quoi vous dire, mademoiselle.  
 Le type derrière le comptoir écoutait d'une oreille en remplissant les bacs de frites industrielles.  
 -Vous n'êtes pas obligé de me dire quoi que ce soit, j'ai répondu, en secouant mon pull.  
 -Je ne sais pas quoi vous dire parce que je sais qui vous êtes.  
 La pluie faisait des sillons légèrement irisés en tombant de son crâne sur l'arrête du nez.  
 Je ne savais quoi dire non plus:  
 minuit n'était pas loin, je venais chercher de quoi tenir jusqu'au matin, et ce type, parfaitement ivre et sain d'esprit, semblait sur le point de s'effondrer  
 -Je sais qui vous êtes, vous écrivez des livres.  
 Comment vous faites?  
 -Comme je peux.  
 Il s'est donné une tape sur les genoux, et puis, d'un seul coup, des larmes, de la sueur, de la pluie qui vient de l'intérieur, quelque chose d'humide et de sincère a voilé son regard déjà noyé de solitude et de nuit bizarre. Il s'est tourné vers le type qui déplaçait des barquettes orange avec une précision de chirurgien dentiste.  
 -Je peux vous dire que je ne me suis pas mouillé pour rien ce soir, ah ça non!  
 Dans mon dos, le réfrigérateur ronronnait.  
 Un léger sourire s'est installé, naturellement, entre mes fossettes.  
 Sur le comptoir, mes frites étaient prêtes, bien emballées. J'ai sorti une pièce de deux euros et l'homme tout mouillé m'a dit:  
 -J'aimerais vous offrir des frites, si ça ne vous dérange pas.  
 J'ai soupiré et laissé ma pièce entre lui et moi. Puis j'ai tendu la main. Il l'a serrée.  
 -Merci monsieur. (COULON, 2022, p.142-143)

Nota-se o espanto inicial desse sujeito, já despojado de parte de sua humanidade devido ao estresse e ao ritmo nervoso de vida ao qual é submetido no meio urbano - o cheiro de álcool barato, o cimento e o aspecto grisalho somados à água da chuva reforçam o excesso de estímulos com os quais esse homem se vê confrontado diariamente - com a presença da escritora em um local como aquele naquela circunstância, como se a poetisa não pertencesse àquela composição. Em seguida, esse indivíduo, outrora entorpecido pelo excesso de estímulos da grande cidade, esboça uma reação tão complexa e genuína que se torna difícil de

decifrar. O “algo de úmido e sincero que encobre o olhar já afogado na escuridão e na estranheza da noite” na face do homem, somado à sua declaração em voz alta para o vendedor que preparava os lanches comove a escritora, que finalmente sorri, superando sua desconfiança inicial.

Ao aceitar o gesto de gentileza do sujeito para com ela e validá-lo, oferecendo um aperto de mão, a autora parte, então, questionando a visão que a sociedade tem acerca do poeta, bem como da própria poesia, ao refletir sobre o impacto que um gesto tão intrinsecamente banal exerce nela própria, e, quiçá, no leitor:

Je ne reverrai probablement jamais cet homme. En tout cas, pas comme cela.  
 Depuis hier, je veux écrire sur lui, parce que je me demande qui de nous deux,  
 dans quelques mois, dans quelques années, sera trahi  
 par l’image qu’il s’est construite  
 du monde extérieur?  
 Sera-t-on encore quelques-uns à se serrer la main  
 à cette heure-ci du soir,  
 pour une barquette de frites tièdes et un Coca sans glace?  
 Je voudrais que la poésie soit aussi naturelle à ceux  
 qui m’entourent que l’émotion  
 qui jaillissait cette nuit là, devant cette place,  
 avec cette facilité improbable des moments qui n’auraient  
 pas du être,  
 qui furent tout de même, mal fichus, débordants de grâce,  
 et de paroles impossibles. (COULON, 2022, p.142)

Uma noite vaga, com sua chuva forte e opressora e uma feia, porém reconfortante lanchonete, uma porção de fritas e um olhar trocado rompendo o blues solitário que poderia servir de trilha sonora para aquele ambiente, um encontro apesar de tudo... Coulon nos transmite, assim, sua leveza provocante, sua força, e, ao mesmo tempo, sua própria fragilidade a partir do corpo exausto, em busca de um refúgio, deslizando, talvez, metaforicamente, do romance para o poema em prosa.

O cotidiano e seus personagens não contemplados sob a égide da tradição poética, como os cães esguios, um vendedor de chinelos ou um homem que oferece uma porção de fritas porque reconhece uma romancista são apresentados a nós ao longo da coletânea, conforme a autora nos convida a passear pela região de Raymond Carver e seus entornos, desbravando seus caminhos conforme relembramos os defeitos e as virtudes de cada um. A partir daí, surgem as lembranças, a família, os amigos, as histórias de amor que terminaram mal, a pequena comuna francesa de Eyzahut, e outros fragmentos do retrato da poetisa que se revelam, pouco a pouco, nos gestos mais banais do dia a dia.

### 3.2 OS LEITMOTIFS

O universo da autora é, ao mesmo tempo, composto de visões fugazes do mundo exterior e de peças introspectivas. A composição de *Les Ronces* revela, pouco a pouco, leitmotifs<sup>11</sup> que retornam de um poema a outro, tecendo entre si laços invisíveis, todo um sistema de correspondência onde o passado vem à tona na superfície do presente.

Temos a vivenda familiar, o lar da infância da autora, uma propriedade na região da comuna francesa de Eyzahut, esse lugar de nome estranhamente novelesco<sup>12</sup>, com sua neblina espessa, florestas escuras, rochas molhadas, falésias e montanhas que ela saudosamente referencia ao longo de *Devant la maison*, *L'enfant que je ne suis plus* e *Le départ*, onde compartilhamos seu anseio de ficar quando tudo à sua volta a leva a partir. Sua relutância em deixar para trás o “ninho” e as lembranças associadas a ele, que alguns tenderiam a caracterizar como indicativos de uma “Síndrome de Peter Pan” são, na verdade, parte integrante do testemunho das lições dolorosas- e catárticas, mediante a facilidade com que nos identificamos com algumas passagens- que a ensinaram a lidar com a perda, como sugerem os versos de *La maison*, que transcrevo na íntegra:

Je voudrais simplement,  
j'insiste, simplement,  
une maison au bord  
d'un de ces lacs en Auvergne  
que je connais comme si  
j'étais née à l'intérieur.  
Dans cette maison,  
peu meublée,  
il y aurait tout de même  
une chambre pour Karine,  
une autre pour Chloé,  
du vin rouge,  
assez pour ne pas en manquer,  
ce qu'il faut de réserve  
dans le sucrier,  
une baignoire évidemment,  
des livres dans la salle de bains,  
un œil de boeuf que frôleraient,  
en automne, les branches des sapins.  
À quelques centaines de mètres  
je louerai une parcelle pour ma mule  
afin qu'aux premiers signes

<sup>11</sup> Leitmotif ou leitmotiv (do alemão, motivo condutor) refere-se a uma palavra, frase, imagem ou tema repetido com frequência em uma obra literária. Tem origem nos dramas musicais Wagnerianos, onde uma frase ou tema melódico curtos recorrentes eram utilizados para sugerir um personagem, coisa, etc.

<sup>12</sup> O nome Eyzahut se origina de “aisia”, que significa casa, e “uch”, que quer dizer alto.

du printemps  
 nous puissions cheminer ensemble  
 amuser les enfants qui ne seraient  
 pas les miens,  
 transporter le pain noir  
 jusqu'à l'heure du goûter.  
 Voilà, c'est ainsi,  
 je voudrais simplement,  
 j'insiste, simplement,  
 cette maison, ce sucrier,  
 cet âne solitaire, peut-être  
 un chien, qui sait?  
 Oserais-je demander, de temps en temps,  
 une lettre de la femme que j'aime?  
 Oserais-je demander, de temps en temps,  
 un baiser de la femme que j'aime?  
 Oserais-je demander, de temps en temps,  
 les mains de la femme que j'aime?  
 Probablement pas. Probablement jamais. (COULON, 2022, p. 220)

Há também o sangue, esse líquido vermelho e quente, que, segundo a própria autora descreve, corre em suas veias como a lava que alimenta os vulcões de sua terra natal, conectando-a ao solo de seus antepassados e às memórias de infância em *Puisque j'ai ton sang* e *Chez moi*, por exemplo:

Puisque j'ai ton sang  
 Puisque tu as fait mon père  
 Puisque j'ai dans ma vie ton enfant  
 Je n'ai pas traversé l'île de Chatou  
 Ni connu les jardins des demoiselles de Vallières  
 Je ne sais rien de cet abbé Suger  
 Nous n'avons pas discuté de l'avenir  
 De ces naissances qu'il y a au bout.  
 Je ne t'ai pas entendue partir  
 Tu as écrit pour la dernière messe  
 < Nos vies ont un terme mais la vie persevere >  
 Ces mots ont fait pleurer d'Eyzahut les falaises.  
 Et même le fossoyeur qui dormait sur sa chaise  
 (COULON, 2022, p.180)

Est-ce que mon sang, avant ma naissance,  
 a nourri les volcans  
 ou sont-ils  
 comme le chante la légende,  
 mes tous premiers parents? (COULON, 2022, p.184)

Em contrapartida a essas duas ideias, surge a errância, essa fantasia da grande partida que persegue a escritora mesmo dentro de sua “bolha” provincial, conforme observamos nos versos de *Une lionne rouillée* e *Mon amour*:

Ne te manifeste pas  
 ma rage



tu as toujours besoin de cette douceur que tu n'as pas  
 et que tu crèves d'envie d'avoir  
 oublier qu'il faudra s'en aller  
 qu'il faut toujours partir  
 qu'il faut toujours rassembler les morceaux de soi-même  
 qu'on voudrait pourtant laisser  
 à quelqu'un d'autre que soi (COULON, 2022, p. 166)

il faudra partir loin  
 il faudra partir bientôt  
 pour mettre du sang frais dans les nervures de la bête  
 pour corriger nos pires défauts  
 tes chagrins d'avant ma naissance me hantent  
 parfois je les vois chevaucher jusqu'à toi  
 tu te tiens droite derrière tes élégances  
 comme une reine protégée par les douves de son château  
 (COULON, 2022, p. 176)

Em 2017, durante uma palestra em Clermont-Ferrand, sua cidade natal, Coulon discutiu o porquê de não sucumbir a essa fantasia e resistir à tentação de mudar-se para Paris, sendo esse fantasma da capital uma constante em sua vida enquanto autora já aclamada pelo público e pela crítica literária:

La réussite ne peut pas être énoncée de façon claire et générale, tout comme on ne peut pas énoncer de façon claire et générale la valeur d'une œuvre ou d'une création. Et c'est d'ailleurs dans la création littéraire classique française que s'étend ce mythe du transfert de la province à la capitale. Chez Balzac, chez Zola, chez Maupassant, Flaubert, Stendhal, c'est < Paris, à nous deux! > Il faut monter pour réussir, il faut y aller, parce que, dans la littérature française, la campagne, et les petites villes de campagne, c'est salissant. Faire de l'argent de l'agriculture c'est beaucoup moins noble, que faire de l'argent dans l'art, dans la politique, ou dans l'économie. (...) Et en d'autres termes, ça voudrait dire que la campagne, que les petites villes de campagne, que ce qu'on appelle très vulgairement la Province, ne serait pas digne du talent de ceux qui y sont nés. Je trouve que c'est une idée extrêmement répandue, et très triste.<sup>13</sup> (COULON, 2017)

Para a jovem autora, a grama do vizinho não é, portanto, mais verde, sobretudo quando se habita a região de Auvergne. Sua poesia cobre, então, as bordas tranquilas desses pequenos vilarejos provincianos, em oposição ao dinâmico meio parisiense. O lugar de

---

<sup>13</sup> O sucesso não pode ser declarado de forma clara e geral, assim como o valor de uma obra ou criação não pode ser declarado de forma clara e geral. E é aliás na criação literária clássica francesa que se estende este mito da transferência da província para a capital. Em Balzac, em Zola, em Maupassant, Flaubert, Stendhal, é <Paris, à nous deux! > É preciso ir para lá para ter sucesso, tem que ir até lá, porque, na literatura francesa, o campo, e as pequenas cidades do interior, são uma bagunça. Ganhar dinheiro com a agricultura é muito menos nobre do que ganhar dinheiro na arte, na política ou na economia. (...) E em outras palavras, isso significaria que o campo, que as pequenas cidades do interior, aquilo que muito comumente chamamos de Província, não seriam dignos do talento de quem aí nasceu. Considero essa uma ideia extremamente difundida e muito triste. (COULON, 2017, tradução nossa)

nascença não é, aqui, motivo de constrangimento, mas sim, de aprendizagem. A opção pela permanência não significa viver eternamente a infância, ou a adolescência, adiando ao máximo o encontro com os deveres e tribulações da vida adulta, e ao mesmo tempo, ignorando a possibilidade de sucesso ou de fracasso associados à partida. O sucesso pessoal, assim como a poesia, não é uma questão de onde se está, mas o lugar escolhido para si no mundo determina o rumo dessa última, conferindo significado à mesma.

Por último, mas não menos presente, temos, de maneira mais prosaica, a imagem das folhas (*Les herbes sauvages, Vivre dans les hautes lumières, Une chanson particulière, Juste à l'endroit où tu poses ta main, Mon amour*) e da fome, essa sensação primitiva que invoca, ao mesmo tempo, a escassez e a miséria, bem como a avidez por completude, como preconizam os versos de *Biêntot, Eyzahut* e *Une fois par jour*, respectivamente:

je me suis reposée dans les draps des falaises  
tous tes feux en juillet dansaient contre la roche  
je veux bien mourir de faims dans tes orages  
ces forêts que tu embrases  
ces flèches que tu décoches (COULON,2022,p. 158)

travail comme un cheval du moyen âge,  
mange une seule fois dans la journée,  
la faim ça occupe la tête et ça empêche de pleurer  
(COULON,2022, p. 159)

O apaziguamento vem de forma mansa no fim da coletânea, na figura da neve onde a autora distribui passadas firmes em *Une leur inattendue*, da cama quente com lençóis que não foram trocados em *Ma France*, e no regresso a si próprio quando se regressa à terra natal em *Eyzahut*<sup>14</sup>, onde retomamos, por fim, os principais leitmotivs:

Je reviens à moi-même quand je reviens à toi,  
malgré le sang et la sueur nécessaires pour grimper  
jusqu'à tes lèvres entrouvertes  
sur des carrières où le vent fait grincer  
le ventre de la pierre et du ciel  
le plancher.  
Je reviens à moi-même quand je reviens à toi;  
tu es belle dans tes lacets de goudron  
que le soleil affaisse dès les premières  
secousses du printemps.  
Honteuse, je me courbe sous tes sourcils froncés:  
la nuit, l'orage te fait des cheveux d'or  
que le jour vient chasser.

<sup>14</sup> Na coletânea, há dois poemas diferentes com esse mesmo título. Aqui, nos referimos ao poema que se encontra na página 215.

Je reviens à moi-même quand je reviens à toi.  
 Aujourd'hui, pourtant, je t'ai quittée  
 encore une fois.  
 Je t'ai montrée à d'autres;  
 ils te connaissaient déjà  
 comme on apprend une chanson  
 que le passé abandonne au présent  
 pour ne pas me laisser  
 seule, sans armes, et sans défense.  
 Je ne crois en aucun dieu sauf en celui  
 qui saurait effacer dans mon cœur  
 la haine des jours qui ne font que passer;  
 cette vie en dehors de tes silences,  
 cette vie m'a parfaitement dressée.  
 Tu me regardes du haut de tes sommets  
 devant lesquels je reviens chaque fois  
 abaisser mon drapeau de larmes sourdes.  
 Sans toi je meurs d'ennui;  
 ton église est fermée, ton herbe manque d'eau.  
 Malgré tout, chaque hiver,  
 ma voix vient se nicher  
 dans les plis de ton manteau.  
 Je reviens à moi-même quand je reviens à toi:  
 cette vie, elle ne te connaît pas,  
 elle n'a pas idée de ce que tu es pour moi.  
 Je te garde en mon cœur comme un trésor malade;  
 si tu savais comme elles manquent à mon ivresse  
 ces longues escalades  
 pour joindre mes doigts tremblants,  
 lier mes phalanges claires  
 sous tes fontaines pâles où palpitent  
 tes abeilles.  
 Je reviens à moi-même quand je reviens à toi:  
 ne me laisse pas devenir une ombre,  
 ne m'abandonne pas dans une vallée profonde  
 où les chiens sont plus nombreux  
 que les âmes humaines,  
 ne m'enterre pas, vivante, sous tes collines,  
 ne soit pas plus cruelle  
 que les cruautés de mes grandes villes.  
 Je reviens à moi-même quand je reviens à toi;  
 ce soir, je rappelle à mon sang la pensée  
 des jours simples où nous étions ensemble,  
 ma main sur ton église, ta pierre dans ma poitrine,  
 et dans mes yeux l'aube empoisonnée que tes falaises  
 ont jeté sur la terre, antique couverture  
 où je m'allonge enfin, comme une branche  
 se tend en sens inverse  
 pour nouer ses dernières forces  
 à celle de ses racines. (COULON, 2022, p. 215)

A partir dessas imagens e temas recorrentes, a autora tece, portanto, uma elaborada  
 teia compostas por fios condutores invisíveis que entremeiam sua prosa poética, construindo

uma narrativa na qual passado e presente se sobrepõem, seguindo um fluxo complexo de consciência que corresponde aos encontros e desencontros desse eu-lírico autobiográfico consigo mesmo.

### 3.3 OS ESPINHOS

Segundo a botânica, área da biologia que prescreve sua definição literal, espinhos são estruturas de superfície que funcionam como uma importante barreira mecânica, fornecendo a primeira linha de defesa contra predadores maiores, como os mamíferos, em espécies vegetais, graças à suas extremidades afiadas e duras. Além disso, são importantes adaptações evolutivas para evitar a perda de água pelas folhas em espécies de plantas que habitam regiões áridas, garantindo sua sobrevivência em um ambiente de condições adversas.

Em linguagem figurada, a palavra “espinhos” adquire a conotação de algo que promove sofrimento físico ou psicológico, cautela, e aflição. Não é incomum observarmos, em língua portuguesa, o emprego do termo “espinhoso” para se referir a algo que apresenta grande dificuldade (ex: feitiço espinhoso, tarefa espinhosa).

Na Bíblia, os espinhos aparecem relacionados à queda do homem e ao sofrimento subsequente à mesma. Segundo o livro do Gênesis, a natureza também teria sofrido a maldição divina por conta do pecado original cometido por Adão e Eva, sendo o surgimento de espinhos e abrolhos mencionado como resultado desse castigo<sup>15</sup>. A coroação com uma coroa feita de espinhos, uma das torturas às quais Jesus Cristo teria sido submetido, é um dos principais símbolos do Cristianismo, representando o sacrifício aceito pelo Filho de Deus para livrar tanto a humanidade quanto a natureza de seu pecado, e celebrando também os esponsais do céu e da terra virgem, segundo as tradições semíticas e cristãs.

O *Dicionário de Símbolos*, publicado originalmente na França em 1969 e coordenado por Jean Chevalier e Alain Gheerbrant apresenta a seguinte definição para o termo “espinho”:

O Espinho evoca a ideia de obstáculo, de dificuldade, de defesa exterior e, por conseguinte, de abordagem áspera e desagradável. O espinho é a defesa natural da planta, e traz à lembrança, inevitavelmente, o papel do chifre em relação ao animal. (CHEVALIER e GHEERBRANT, 2020, n.p)

Na ocasião de uma entrevista para a livraria *Mollat*, em 2019, Cécile Coulon explica que o título “Espinhas” (*Les Ronces*), surgiu inicialmente como título de um dos poemas que

---

<sup>15</sup> (Gênesis 3:17,18)

compõem a coletânea, que não é, necessariamente, seu predileto, mas evoca essa imagem visual que representa, segundo ela, os demais poemas como um todo. Transcrevo-o, abaixo, na íntegra:

À vrai dire j'ai la chance d'avoir un très bel avenir derrière moi  
 avec des grandes maisons  
 hautes  
 blanches  
 des toits d'ardoise et des nids de plumes d'oie  
 sous les combles  
 où des hommes et des femmes ont fait l'amour  
 pour la première fois  
 d'abord avec des ombres  
 d'abord avec des fantômes  
 seul le bruit de la rivière depuis la fenêtre ouverte  
 dehors les branches  
 dehors les oiseaux  
 dehors le monde se retire le temps de nous laisser vivre  
 sans lui qui court à nos côtés  
 seul le bruit de l'orage arrive depuis la fenêtre ouverte  
 la pluie balaie la surface de la terre  
 la rivière avance vite à travers les bois noirs  
 je cesserai de parler du passé le jour où j'en aurai un  
 où me reposer  
 où construire des grandes maisons  
 puissantes  
 rouge sang  
 les gens derrière les murs épais qu'on a couvert de chaux  
 les serrures ne sont pas là pour nous protéger  
 mais pour nous enfermer  
 et la pluie continue  
 elle  
 la rivière continue  
 elle  
 le courant emporte les oiseaux morts  
 que la foudre a touchés  
 seul le bruit des arbres qui s'agitent arrive depuis la fenêtre ouverte  
 quand les amants ferment les yeux  
 ils croient voir la mer où ils sont nés  
 ils croient voir les vulcans cracher  
 des morceaux d'eux-mêmes  
 Trop brûlants pour qu'ils puissent s'en emparer  
 quand les amants ferment les yeux  
 seul le bruit du coeur qui bat arrive depuis les bras ouverts  
 le coeur continue  
 lui  
 le corps continue  
 lui  
 Si fort pourtant infime au milieu du courant  
 les ancêtres sont passés là avant  
 <Nous sommes des nains sur des épaules de géants>  
 Écoutez-bien:

< Des nains sur des épaules de géants >  
 Seul le bruit du vent dans les collines arrive  
 depuis la fenêtre ouverte  
 il ne fait pas froid  
 il ne fait pas sombre  
 nous avons notre lumière  
 si faible pourtant vivace à travers les corridors  
 dans le foin des granges  
 dans les baignoires des palaces  
 ils disent: ça peut s'arrêter  
 parfois l'amour s'endort  
 longtemps  
 doucement  
 seul le bruit des heures qui s'en vont arrive  
 depuis la fenêtre ouverte  
 je ne m'en fais pas  
 je suis en train de creuser des terriers dans ma vie  
 pour te faire de la place  
 pour que tu puisses venir fermer les yeux  
 oublier le sang de ceux qui vont partir bientôt  
 le sang continue  
 lui  
 l'orage continue  
 lui  
 de balayer la terre et les oiseaux  
 je vais apprendre à rester là si tu m'aides à m'asseoir  
 écouter la musique des flammes  
 tendre la bouche comme on tend l'eau à l'enfant  
 qui veut boire  
 la soif continue  
 elle  
 la langue continue  
 elle  
 d'effleurer d'autres langues pour meubler la mémoire  
 seul le bruit du feu qui crache arrive depuis la porte ouverte  
 je cesserai d'écrire des poèmes le jour où l'on cessera  
 de considérer  
 les hommes sincères  
 comme des hommes malades  
 en attendant la rivière continue  
 elle  
 la pluie continue  
 elle  
 demain matin les ronces vont griffer les renards dans les bois  
 le ciel ce grand poumon sauvage a jeté ses filets  
 sur les hommes tout en bas  
 seul le bruit de la terre arrive depuis la fenêtre ouverte.  
 (COULON, 2022, p. 174-176)

O poema retoma alguns dos principais leitmotivos discutidos na sessão interior (o sangue, as folhas, a tempestade), bem como a noção de um cotidiano como fonte de inspiração poética, constituindo uma espécie de síntese da narrativa estabelecida ao longo da

coletânea. É um grande conto iniciático no qual nos confrontamos com todas as fases da vida, todos esses momentos saborosos e dolorosos, como uma criança que sai à procura de amoras e rala seus joelhos para melhor saboreá las, seguindo a metáfora utilizada pela própria autora na ocasião de uma entrevista.

Partindo dessa visão, podemos inferir que os espinhos adquirem, aqui e na obra como um todo, uma conotação mais positiva em relação às definições anteriormente apresentadas, atuando como um lembrete óbvio de uma natureza bastante livre e expressando tanto a selvageria quanto a graça das plantas que machucam e rasgam, mas que também podem prometer frutas desejadas, como um tesouro bem guardado. Temos aqui uma faca de dois gumes, como o lado meliorativo e pejorativo de um poema.

A imagem dos “espinhos que amanhã de manhã irão arranhar as raposas do bosque” presente no poema pode, então, ser interpretada como uma metáfora para a poesia: algo que machuca, que “pica”, mas que ao mesmo tempo nos atravessa com imagens que nos revelam algo de belo previamente ocultado em nós mesmos e na figura do outro. Estabelece-se, então, uma clara ligação de parentesco entre natureza e cultura evidenciada ao longo do poema em questão e dos demais textos da coletânea, que formariam, segundo a própria autora, um grande buquê de espinhos.

A sonoridade presente na própria palavra em francês também contribui, em parte, para essa noção. O termo “ronces” carrega em si uma certa violência, ao mesmo tempo em que transmite uma vivacidade inerente, algo de belo em sua natureza crua capaz de ocupar o centro desse emaranhado de fios condutores invisíveis que liga um poema ao outro, entremeando toda a prosa poética.

Os poemas narrativos de “Les Ronces” são uma série de fragmentos do retrato da poetisa, que empreende, neste livro, « rassembler les morceaux de soi-même / qu’on voudrait pourtant laisser / à quelqu’un d’autre que soi » (Une lionne rouillée, p. 166). Os espinhos são como os arranhões de tinta incrustados na carne das folhas brancas, sendo a poesia idealizada a partir do branco da página vazia, assim como a música é composta a partir do silêncio. Cabe ao leitor preencher as lacunas deixadas a cada página, ecoando sua própria história, em uma clara comunhão com o propósito da autora. É essa poesia espinhosa que, no fim, nos alimenta em meio à pobreza de experiências do nosso tempo, como preconizam os versos de *Le monde insupportable*:

Un jour viendra où il te faudra fuir et creuser ta propre vallée,  
sans crainte des heures de l’aube et de la nuit;  
peut-être alors, devant la petite vie qui aura résisté

à la perte intégrale des mouvements quotidiens,  
 devant la terre offerte aux tressaillements d'un ciel sauvage  
 que tu n'avais pas regardé jusqu'à ce moment précis,  
 peut-être nous alors, les doigts craqués autour d'un bol  
 de café brûlant,  
 cette pensée de l'heure qui arrive,  
 plus claire que la précédente,  
 à laquelle les oiseaux offrent leurs premiers chants,  
 peut-être alors comprendras-tu qu'il n'y a pas de plus grand  
 malheur sur terre  
 que celui qui n'a pas de poème écrit  
 pour l'étreinte, le consoler, le contenir,  
 qu'il n'y a pas de plus grande douleur que celle  
 qu'aucune voix n'a su convaincre de rester avec elle  
 et qui erre, seule, violante, nourrie par son propre  
 aveuglement  
 jusqu'à ce qu'un monde ait la force de passer la main  
 sur son épaule, qu'elle puisse rien qu'un instant se retourner,  
 et qu'enfin un homme, une femme, ait le courage,  
 cette douleur,  
 de la nommer. (COULON, 2022, p. 198-199)

Cécile Coulon, desenha, assim, o cotidiano, depositando um buquê de espinhos com toques de infância, de natureza, de vulcões, de eventuais tristezas, de luzes, de fugas, de maravilhas e de amor. Amor esse que parte, se distancia, amor “difícil”. A autora conecta as palavras do dia a dia, aquelas que nos incomodam com sua simplicidade, sua autenticidade e seus sons. É uma partilha feita de luzes e sombras, um céu ao mesmo tempo rasgado pelos raios do sol e da tempestade que ela frequentemente evoca. Trata-se da vida, com suas feridas e nossas cicatrizes, com nossos medos, nossas alegrias e nossas memórias. Com o imenso talento de uma jovem mulher. Jovem essa, ao mesmo tempo segura de si e preocupada com a razão de ser, energética e esgotada, séria e brincalhona. Jovem que deseja outras mulheres (e quer ser amada por elas) sem se vangloriar ou reclamar de suas conquistas amorosas ou de seus insucessos; é como uma solução, elegante e imperfeita como são todas, para o dilema do amor. Jovem que, como toda criança proveniente de um ambiente familiar saudável, cresceu amada incondicionalmente, que busca em vão a graça, pois já a possui...

Os espinhos são como a vida: se lançam, se enrolam, se contorcem, se faz necessário abrir caminho, às vezes nos rasgam. Porém, se fossem mais simples, faltaria-lhes algo. Da mesma forma, ao entrarmos em contato com um poema, é necessário treinar o olhar por longos períodos a fim de analisá-lo, compreendendo que a beleza dessa linguagem literária encontra-se nos pequenos detalhes que se revelam através das palavras, temas e imagens subjetivas que nos atravessam, deixando para trás suas marcas pontiagudas.



## 4 CONCLUSÃO

*Les Ronces* é uma coletânea de poemas narrativos que constrói um retrato fiel de sua época. Uma época sensível, partilhada pelo leitor e pela poetisa. Mesmo que Cécile Coulon evoque a si mesma, compartilhando seu Eu privado, a autora não derruba jamais as pontes entre os sentimentos comuns a todos nós. Sua poesia ecoa, relembra, narra, toca nos pontos sensíveis. Longe de uma viagem egocêntrica ou de um devaneio interior – que também possui os seus méritos literários – o “eu” da poetisa coloca-se à serviço da linguagem e, através dela, da subjetividade do Outro.

Adentramos esse universo pela porta de uma lanchonete; de um dos múltiplos lanches que povoam todas as cidades europeias. Por toda a parte, o mesmo ambiente popular e vivaz, o mesmo odor de óleo e de fritura, o mesmo brilho do papel manteiga. O primeiro poema de *Les Ronces* atribui o tom da obra: sem devaneios líricos ou idealizações. A vida cotidiana, banal, cantada e contada em uma sucessão de versos livres e ágeis que refletem a urgência de seu tempo, a necessidade de “*aller vit là où ça fait mal*”.

A partir daí retomamos uma série de perguntas acerca da criação literária: Onde começa a poesia e onde termina a prosa? Na versificação? Nos artifícios literários que iluminam o texto? Simplesmente, na relação estética e espiritual com a linguagem? Os textos de *Les Ronces* são indubitavelmente poéticos: para além do verso, existe o ritmo, o sentido da fórmula, e, sobretudo, a criação de um espaço sensorial onde governa a palavra. Se os poemas são narrativos, é na elisão e no vazio de cada página que a história se deixa imaginar.

O mesmo texto, escrito em prosa, não teria o mesmo efeito, essa capacidade de encantar o cotidiano, e, ao mesmo tempo, o leitor que o descobre. O verso livre assume aqui todo o seu sentido: o da respiração (mesmo silenciosa) e da declamação (mesmo para si mesmo). Se a poetisa não é adepta à figuras de linguagem como a aliteração e a assonância, ela às vezes se entrega à paronímia. Esses pequenos floreios não distorcem o “realismo” de sua abordagem, mas sim gratificam a leitura de seus tesouros dispersos.

Quando fala dos lugares que a marcaram e ainda a marcam, as falésias de Eyzahut ou os vulcões de Vanuatu, a autora fornece um vislumbre da aura, dessa sedimentação de emoções, memórias e belezas naturais que cobre os locais familiares. Sentimos a ressonância da tristeza, da melancolia, da esperança, da alegria, do amor... Não apenas as palavras, essas ideais já compactadas utilizadas milhares de vezes pela publicidade e pela comunicação, mas a tristeza que penetra até os ossos, a melancolia dos lençóis rasgados, a esperança ao chorar, a

alegria que golpeia, o amor de tirar o fôlego, e diversas outras imagens que nos atravessam por meio de sua poesia.

O trabalho aqui realizado corresponde a uma reflexão em busca de analisar certos aspectos na obra poética da autora, que, contudo, podem ser ainda mais amplamente discutidos. Possivelmente, estudos futuros acerca do tema confirmarão a importância sociocultural que essa poesia desempenha tanto no cenário literário francês quanto para a divulgação da poesia como um todo para um novo tipo de público, não só pela temática, mas também pelo suporte - redes sociais.

## 5 REFERÊNCIAS

BARDOU, Florian. **Lundi poésie: Cécile Coulon, le quotidien en éruption**. 18 abril. 2022. Versão digital do jornal Libération. Disponível em:

<[https://www.liberation.fr/culture/livres/lundi-poesie-cecile-coulon-le-quotidien-en-eruption-20220418\\_3HKGOJVLNNGCZGLSC5ADGUBGG4/](https://www.liberation.fr/culture/livres/lundi-poesie-cecile-coulon-le-quotidien-en-eruption-20220418_3HKGOJVLNNGCZGLSC5ADGUBGG4/)> . Acesso em: 02/11/2023.

BAUDELAIRE, Charles. **Pequenos Poemas em Prosa**, edição bilíngue. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Hedra, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 114-119.

BIOGRAPHIE- Cécile Coulon. Website. Disponível em:

<<https://www.fnac.com/Cecile-Coulon/ia864427/bio>>. Acesso em: 02/11/2023.

BIOGRAPHIE- Cécile Coulon. Website. Disponível em:

<<http://evene.lefigaro.fr/celebre/biographie/cecile-coulon-54216.php>>. Acesso em: 02/11/2023.

BIOGRAPHIE- Cécile Coulon. Website. Disponível em:

<<https://www.etonnants-voyageurs.com/COULON-Cecile.html>>. Acesso em: 02/11/2023

BRESSAN, Serge. **Cécile Coulon, variations sur un même thème**. 19 jul.2018. Website. Disponível em

<<https://lagrandeparade.com/contorsionnistes-et-lanceurs-de-couteaux/world-trip/2629-les-ronces-cecile-coulon-variations-sur-un-meme-theme.html>>. Acesso em: 02/11/2023

CARVALHO, Camila Pereira. **Espinhos**. Website. Disponível em:

<<https://www.infoescola.com/biologia/espinhos/>>. Acesso em: 02/11/2023.

CÉCILE Coulon. Enciclopédia eletrônica. Disponível em:

<[https://fr.wikipedia.org/wiki/C%C3%A9cile\\_Coulon](https://fr.wikipedia.org/wiki/C%C3%A9cile_Coulon)>. Acesso em: 02/11/2023.

CÉCILE COULON - LES RONCES. 1 vídeo (4 min). Publicado pelo canal librairie mollat. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=QlivBcP\\_sSA](https://www.youtube.com/watch?v=QlivBcP_sSA)>. Acesso em: 02/11/2023.

CHEVALIER, Jean-Claude; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

COULON, Cécile. **Espinhos**. Tradução de Diego Grandó. Porto Alegre: Isto Edições, 2022.

ESPINHOS. Enciclopédia eletrônica. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Espinho\\_\(bot%C3%A2nica\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Espinho_(bot%C3%A2nica))>. Acesso em: 02/11/2023.

GLEIZE, Jean-Marie. **Os cães se aproximam, e se afastam**. Disponível em: <<https://www.lapofran.com.br/post/os-c%C3%A3es-se-aproximam-e-se-afastam>>. Acesso em: 02/11/2023

GLEIZE, Jean-Marie. **Poesia poor, respostas**. Tradução de Alexandre Rosa. Rio de Janeiro: Alea, 2013. v. 15, n. 2, p. 438-448.

HABERMAS, Jürgen. **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HAMBURGER, Michael. **La verdad de la poesia: tensiones en la poesia moderna de Baudelaire a los años sesenta**. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

Lemos, M. (2017). **Qualidades para uma poesia sem qualidades**. Aletria: Revista De Estudos De Literatura, 27(3), 129–146. Disponível em: <<https://doi.org/10.17851/2317-2096.27.3.129-146>>. Acesso em: 02/11/2023.

**POURQUOI RESTER QUAND TOUT NOUS POUSSE À PARTIR? (CECILE COULON)**, 2017. 1 vídeo (9 min). Publicado pelo canal TED X Talks. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TzAlhCLyqXk>>. Acesso em: 02/11/2023.